

# **A flor negra**

Escrito por Eduardo M. Rodrigues

# ÍNDICE

Sábado, 2 de outubro de 2004.....	3
Domingo, 3 de outubro de 2004.....	10
Segunda-feira, 4 de outubro de 2004.....	15
Terça-feira, 5 de outubro de 2004.....	19
Quarta-feira, 6 de outubro de 2004.....	20
Quinta-feira, 7 de outubro de 2004.....	23
Sexta-feira, 8 de outubro de 2004.....	24
Sexta-feira, 15 de outubro de 2004.....	25
Terça-feira, 19 de outubro de 2004.....	26
Quarta-feira, 20 de outubro de 2004.....	29
Quinta-feira, 21 de outubro de 2004.....	30
Sexta-feira, 22 de outubro de 2004.....	31
Segunda-feira, 25 de outubro de 2004.....	33
Terça-feira, 26 de outubro de 2004.....	38
Quinta-feira, 28 de outubro de 2004.....	48
Sexta-feira, 29 de outubro de 2004.....	50
Sábado, 30 de outubro de 2004.....	52
Domingo, 31 de outubro de 2004.....	55
Segunda-feira, 1º de novembro de 2004.....	58
Terça-feira, 2 de novembro de 2004.....	58
Quarta-feira, 3 de novembro de 2004.....	65
Quinta-feira, 11 de novembro de 2004.....	70
Quinta-feira, 2 de dezembro de 2005.....	80
Sexta-feira, 31 de dezembro de 2004.....	81
Terça-feira, 1º de fevereiro de 2005.....	81
Domingo, 10 de julho de 2005.....	81
Quinta-feira, 20 de outubro de 2005.....	82
Quarta-feira, 22 de abril de 2026.....	82
Quinta-feira, 23 de abril de 2026.....	86
Epílogo.....	89

## Sábado, 2 de outubro de 2004

Eram oito e treze da manhã quando o telefone tocou pela primeira vez. Abri os olhos com extrema dificuldade e vi através da fresta da cortina que uma chuva fina caía. O ambiente lá fora estava bastante escuro, pois o sol não conseguia furar o bloqueio feito pelas cinzentas nuvens. Dentro do meu quarto eu nada enxergava além do display vermelho do rádio-relógio. Trabalhara até as três da madrugada e tivera um período de sono extremamente conturbado. Não conseguia me lembrar exatamente do que se tratava, somente possuía aquela impressão de que sonhos ruins haviam me acometido durante o pouco tempo em que dormi. Meus olhos começaram a se fechar, quando o telefone tocou de novo. Caminhei através da escuridão até a parede onde ficava o aparelho.

– Alô. – falei, com voz cavernosa.

– Detetive Ricardo?

Era Geovane Campos, delegado da cidade e meu chefe.

– Ricardo, é você? Alô? – repetiu impacientemente a voz do outro lado da linha.

– Sou eu sim, delegado. O que houve?

– Ocorreu um assassinato em Antunes. – disse Geovane. – Acho que você é o mais indicado para ir lá averiguar.

Antunes, o local onde nasci e morei até os dezoito anos. Uma pequena e pacata cidade com não mais que cinco mil habitantes. Mesmo naquele estado letárgico em que me encontrava, eu podia imaginar a repercussão que um assassinato deveria causar entre os moradores de lá.

– Detetive?! Alô! Está acordado? Ouviu o que eu disse?

– Sim, delegado. – respondi, um pouco mais alerta. Na verdade, não havia assimilado corretamente a notícia. O sono ainda me dominava. – Estarei lá o quanto antes. Alguma informação prévia sobre o crime?

– O único dado que tenho é que o assassinato ocorreu na rua Júlio Verne, número 293.

– relatou-me o delegado. – Não sei o nome da vítima, somente que era uma senhora de idade. Os policiais de lá estão isolando a área, mas nenhum deles tem competência para examinar uma cena de crime, se é que você me entende.

Devido ao número reduzido de moradores, Antunes possuía apenas uma pequena delegacia e uns meros cinco ou seis soldados. A força policial era mais do que suficiente para controlar o local, visto que nenhuma queixa de assalto ou qualquer outro crime fora registrada

nos últimos cinco anos. Como eu nascera lá e praticamente conhecia todos os antunenses, seria bem mais fácil para mim do que para qualquer outro detetive conduzir as investigações.

– Vou tomar um banho e irei até lá. – disse.

– Ótimo, se for necessário alguma ajuda, é só ligar. – falou Geovane. – Até logo.

Desliguei o telefone e olhei de novo para a fresta da janela. A chuva aumentara de intensidade e o dia parecia cada vez mais sombrio. Era difícil de acreditar que eu teria de sair de casa, numa manhã chuvosa como aquela, e rumar para minha cidade natal investigar um assassinato. Dirigi-me para o banheiro e, enquanto tomava um banho frio, pensava o que poderia ter acontecido. Quem poderia ter cometido um assassinato numa cidadezinha como Antunes, onde praticamente todos se conhecem desde crianças?

Minha primeira hipótese era de que o assassino era alguém que não morava na cidade. Um maluco errante, por exemplo. Não podia conceber um membro da comunidade cometendo um homicídio. Esta quase certeza aflorava em minha mente baseada nos dezoito anos em que lá morei: mesmo num mundo cada vez mais violento e egoísta, a cidadezinha de Antunes conseguia conservar aquele ar pacato, de boa convivência social, de simplicidade interiorana. Não que o local estivesse parado no tempo, pois a tecnologia e as comodidades da vida moderna estavam presentes no dia-a-dia das pessoas. A impressão que carregava comigo até aquele fatídico telefonema era de que a competitividade profissional, a tensão e a violência que permeiam a todos nós não conseguiriam romper a membrana invisível que protegia a cidade. Podia ver claramente as senhoras mais velhas conversando despreocupadamente às portas das casas ao cair da tarde, comentando assuntos triviais ou pequenos acontecimentos ocorridos durante o dia; os homens sentados às mesas dos bares, tomando sua cerveja, discutindo futebol ou falando sobre as lavouras; as crianças empurrando seus carrinhos de madeira em torno da praça da igreja. Um sorriso brotou em meu rosto cansado e sonolento quando me lembrei dos jovens flertando livremente enquanto caminhavam pela calçada em torno da igreja. Quase fui capaz de sentir o calor agradável dos últimos raios de sol batendo em minha face. Estas divagações que discorreram durante meu banho definitivamente me convenceram de que o assassino não morava em Antunes.

Vesti-me sem acender a lâmpada do quarto, tendo apenas a penumbra como luz. Todavia, quando coloquei meu pé no tênis que estava ao lado da cama notei que este estava encharcado. Acendi a luz e verifiquei que o par que usara na noite anterior estava bastante molhado e sujo de um barro vermelho, e que o rastro deles começava estranhamente debaixo da

janela, como se eu tivesse entrado no cômodo através dela. Eu já estava devidamente desperto e lembrava que havia chegado antes de começar a chover. Não fazia sentido, portanto, que meus tênis estivessem naquele estado, como se eu tivesse caminhado um bom tempo debaixo da chuva. Como sempre dormia nu, resolvi procurar as roupas que havia vestido na noite anterior. Eu as encontrei jogadas num canto pouco iluminado do quarto. Também estavam todas sujas e encharcadas.

– O que está acontecendo aqui? – perguntei-me.

Então uma idéia acometeu-me. Um relance de um dos sonhos que eu tivera durante meu turbulento sono retornou-me à memória. Chovia pesadamente e eu corria debaixo da tempestade. Teria eu me tornado um sonâmbulo? Era a única explicação plausível, naquele instante. Joguei os tênis e a roupa dentro do banheiro e terminei de me vestir. Abri a porta da casa e constatei que a chuva agora não passava de uma fina garoa. O céu, contudo, continuava dominado pelas nuvens cinzentas que impediam o sol de brilhar. Uma leve sensação de frio me fez retornar e vestir uma jaqueta antes de entrar no carro. Para minha surpresa, o interior deste estava sujo de barro e bastante molhado. Tive de gastar algum tempo limpando o carro.

Passava das nove horas da manhã. A chuva fina e fria parecia ter retido todos os outros habitantes de Pará de Minas dentro de seus lares. As casas estavam todas fechadas e as ruas completamente vazias. Aquele cenário deserto que parecia ter sido extraído de um sonho sinistro ou de um filme de suspense me perturbou de algum modo, forçando-me a me desviar do caminho mais curto para a rodovia e passar pelo centro comercial da cidade, onde eu *certamente* viria alguém. As lojas estavam abertas, para meu alívio. Não havia clientes dentro delas, aparentemente só os funcionários; assim como nos pontos de ônibus estavam paradas pouquíssimas pessoas. Aquelas poucas almas, porém, já eram suficientes para livrar minha mente da paranóia temporária que nela se alojara. Guiei o veículo através da rua Benedito Valadares e segui para Antunes, rezando para que as nuvens se desfizessem, deixando o sol iluminar o dia e espantar as incômodas sensações que aquela paisagem tétrica causava em mim.

Muitos anos haviam se passado desde minha última estada em Antunes. As ruas tortuosas, as pequenas fazendas que margeavam a cidade e o pequeno ribeirão que a cortava, tudo aquilo produziu um efeito nostálgico em mim. De certo modo, estava em casa novamente. Cheguei ao local do crime por volta de nove e meia da manhã. Como era de se esperar, uma pequena multidão de curiosos se espremia diante da casa da vítima. Todos os cinco policiais do distrito estavam lá, impedindo a passagem dos mais afoitos. Parei o carro alguns metros antes

da casa e desci. Como a garoa estava muito fina, decidi não usar meu guarda-chuva e peguei apenas meu equipamento de trabalho. Enquanto me dirigia para o lar da vítima, escutava as vozes dos curiosos, assombrados, comentando o crime. Vários deles me reconheceram e me cumprimentaram, ao mesmo tempo em que me abriam caminho. Eu já não possuía parentes próximos em Antunes. Minha família havia se mudado para outro estado. Contudo, algumas das pessoas que me viram crescer ainda se lembravam de mim. Acenei para a maioria, outras cumprimentei com um aperto de mão e muito poucas abracei.

Já me encontrava diante do portão da casa onde os policiais estavam postados. Olharam para mim com respeito e me cumprimentaram como se eu lhes fosse um superior hierárquico. Nos olhos deles pude notar que estavam felizes por eu estar ali. Um homicídio era algo absolutamente anormal e inédito para eles, assim como para toda a população local. Para mim, infelizmente, tornara-se algo usual.

– Há alguém lá dentro? – perguntei.

– Não, senhor. – respondeu-me o mais velho dos guardas.

– Ótimo. Preciso que você me acompanhe, soldado. Os outros devem continuar aqui.

Fiquei feliz por saber que ninguém estava na cena do crime. Um soldado inexperiente como aqueles que estavam lá fora poderia facilmente estragar evidências vitais para uma investigação.

O guarda que me acompanhava chamava-se Marcelo Miranda. Ele me conduziu até a porta da frente da casa, que estava aberta. Ela dava acesso a uma pequena sala de estar, sobriamente decorada. A sala dava acesso a três cômodos: a cozinha, a sala de jantar e o quarto.

– Ela está no quarto. – Marcelo disse.

Caminhei cuidadosamente até o cômodo, analisando o ambiente. A porta do quarto estava encostada. Empurrei-a e entrei. A janela estava aberta, proporcionando luminosidade suficiente para que eu pudesse ver todo o conteúdo do quarto.

– Foi você quem abriu a janela, soldado? – perguntei.

– Não, detetive. A enfermeira que cuidava da vítima disse que a porta já estava aberta.

A decoração do quarto de dormir era tão sóbria quanto a da sala: uma pequena mesa de canto, um humilde guarda-roupa de duas portas, uma pequena estante com livros, um quadro e um criado-mudo ao lado da cama. Tudo parecia estar em seu devido lugar, indicando que o criminoso não tentara roubar coisa alguma, pelo menos ali.

Aproximei-me da cama e observei a vítima. Tratava-se de uma senhora com seus sessenta anos de idade, cabelos brancos e um rosto cujas feições estranhamente me transmitiram paz. Estava placidamente deitada na cama, devidamente coberta até a altura do tórax. As mãos estavam entrelaçadas sobre o peito. Não portava sinal algum de violência. Surpreso, olhei para Marcelo, que me apontou um travesseiro ao lado da cama.

— Segundo a enfermeira, aquele travesseiro estava sobre a face da vítima. — explicou o soldado. — Parece que ela morreu sufocada.

Meneei a cabeça positivamente, enquanto pegava o travesseiro e o colocava em cima da cama.

— Qual o nome dela? — perguntei.

— Isadora D. Santos.

— Não me lembro dela quando eu ainda morava aqui. — comentei.

— Ela se mudou para cá há cerca de um ano. — relatou Marcelo. — Morava sozinha e não recebia visitas, além da enfermeira.

— Nenhum parente? — perguntei.

— Parece que não. Ela saía apenas para fazer algumas compras, nada mais. Ela sofria de algum tipo de câncer.

— Entendo. — falei, observando melhor o rosto de Isadora. — Soldado, verifique o resto da casa e veja se algo foi roubado.

Marcelo me obedeceu e fiquei sozinho no quarto, diante do cadáver da senhora Santos. Eu podia seguramente afirmar que ela morreria dormindo. As linhas do rosto, apesar de acusarem sinais de algum sofrimento, provavelmente decorrente da doença, mostravam que fora uma bela mulher no passado. Havia algo de familiar nela, mas que eu não sabia explicar. Talvez fossem os traços da face, que formavam um daqueles rostos tão comuns que acabam por nos lembrar de outras pessoas que conhecemos. Concluí que era realmente aquilo e continuei a averiguar o quarto. Sobre o criado mudo havia duas embalagens de remédio, provavelmente para câncer. Anotei os nomes dos medicamentos e abri a gaveta do criado-mudo. Encontrei uma dezena de prescrições médicas, um calendário antigo e uma edição antiqüíssima de *Os sofrimentos do jovem Werther*. Caminhei até a mesa de canto. Um vaso com margaridas se encontrava no centro e um jornal do dia anterior estava espalhado por todo o resto desta. Também não encontrei qualquer tipo de evidência dentro do guarda-roupa. A estante estava

repleta de bons livros, que iam desde *Frankenstein* até *O código Da Vinci*. Vários deles me despertaram curiosidade literária, mas em nada poderiam ajudar na minha investigação.

– Nada foi mexido no restante da casa, detetive. – disse Marcelo, que havia retornado ao quarto.

– Estranho – pensei em voz alta – por que alguém entraria aqui, mataria uma senhora e sairia sem roubar coisa alguma? Quem a encontrou morta?

– Uma enfermeira. – respondeu Marcelo. – Ela visitava a senhora Isadora a cada dois dias.

– Encontre-a e diga que terá de comparecer à delegacia de Pará de Minas amanhã pela manhã, para prestar depoimento. – falei, ajoelhando junto à cama e voltando a examinar a vítima. – Alguém mais esteve aqui antes de vocês?

– Não. A enfermeira nos chamou por volta das sete da manhã. – relatou o guarda. – Chegamos aqui por volta de sete e dez e desde então a casa está isolada.

– Os vizinhos viram algo?

– Nada. Choveu muito forte durante quase toda a noite, detetive. Com certeza estavam todos dentro de casa, dormindo.

– Entendo. – disse, levantando-me. – Pedirei a um legista que verifique há quanto tempo ela está morta. Assim saberemos quando ocorreu o crime. Ligue para a delegacia de Pará de Minas e diga que estou solicitando o pessoal da perícia. Enquanto isso, mantenha a casa isolada.

Saímos do quarto. Marcelo saiu da casa para cumprir minhas ordens e eu me dirigi até a cozinha. O cômodo, como toda a casa, era pequeno. Apenas uma mesa com duas cadeiras, um fogão, uma despensa e uma pia. O que me chamou a atenção, no entanto, foi o fato de haverem dois copos sujos de leite dentro da pia. A julgar pela organização e limpeza de toda a residência, julguei improvável que ambos tivessem sido usados pela senhora Santos. Colhi impressões digitais deixadas nos dois.

– Precisa de ajuda, detetive? – perguntou Marcelo, da porta.

– Não, soldado. – respondi. – Vou olhar os outros cômodos e tentar descobrir algo mais.

– A enfermeira já foi avisada. – disse ele. – Posso ajudar em qualquer outra coisa?

– No momento não, Marcelo.

Examinei todos os outros cômodos da casa sem encontrar evidências. Já era meio-dia quando terminei. A chuva engrossara e espantara todos os curiosos da frente da residência. Marcelo e eu estávamos sentados na sala de estar, esperando o perito. O sono rapidamente me dominou e adormeci, para ser acordado por Eduardo Souza, o legista.

– Terminei o exame. – falou ele, assim que abri os olhos.

– Quantas horas são?

– Quase quatro. Acho que você precisa de um descanso, Ricardo. Parece exausto.

– Eu tive uma noite agitada e uma manhã cheia, cara. – comentei, me levantando e esticando os braços para espantar o sono. – Qual foi a causa mortis?

– Parada respiratória. – respondeu o legista, muito calma e friamente. – Provavelmente foi sufocada pelo travesseiro. O que me intriga é que não há sinais de que ela tenha reagido. Parece até que estava inconsciente quando o crime aconteceu. Não sofreu muito.

– Talvez os remédios que estavam ao lado da cama tenham provocado isto. – falei. – Disseram-me que ela sofria de câncer. Você viu as embalagens no criado mudo?

– Sim. Anotei os nomes e vou pesquisar sobre eles quando chegar a Pará de Minas.

– Não havia mais nada no corpo? Cortes, escoriações?

– Nenhum ferimento. – respondeu Eduardo. – Apenas uma tatuagem de uma flor no braço direito. Estranho para uma senhora da idade dela, não?

Concordei com a observação do perito simplesmente balançando a cabeça.

– Ela morreu por volta de meia-noite. – disse ele. – O corpo está liberado.

– Ela não tinha parentes conhecidos da população daqui. Acho que a funerária terá que cuidar de tudo. Falarei com o soldado Marcelo sobre isto.

– Tudo bem. Eu tenho de voltar para Pará de Minas. Até logo.

Eduardo saiu e fiquei sozinho na casa. Entrei no quarto movido pela curiosidade e levantei a manga direita do pijama da senhora Isadora. Uma tatuagem muito bem feita de uma flor negra lhe tinha sido feita na altura do bíceps. Uma sensação de déjà-vu me ocorreu e senti um frio cortando-me a espinha. Bati uma foto da tatuagem, a cobri e saí da casa. Marcelo estava ao portão, conversando com uma bela jovem de cabelos pretos.

– Detetive Ricardo, – falou ele, quando me viu. – esta é Flávia, a enfermeira da senhora Isadora.

– Muito prazer. – cumprimentei-a, estendendo a mão. – Ricardo Rodrigues.

– Flávia Rios.

– Creio que o soldado Marcelo já tenha lhe falado sobre seu depoimento amanhã, senhora Rios. – disse.

– Senhorita Rios, por favor, detetive. – replicou ela, sorrindo. – Sim, o Marcelo já me avisou. Estarei em Pará de Minas logo pela manhã.

– Ótimo. Encontre-me na delegacia às nove. Agora, se me dão licença, vou retornar para Pará de Minas e dormir um pouco. Minha cabeça está me matando.

Orientei Marcelo para que fechasse a casa e ligasse para a funerária, afim de que o enterro da senhora Santos fosse preparado. Deixei o soldado conversando com a bela enfermeira e voltei para casa. Uma cefaléia intensa me incomodava desde o momento em que vi a flor tatuada no braço do cadáver da senhora Isadora. Por isso, ao chegar a minha casa, tomei dois comprimidos e me deitei, sem ao menos tirar a roupa que usara o dia inteiro.

## **Domingo, 3 de outubro de 2004**

Dormi pesadamente por mais de dez horas. Eram sete e dois da manhã quando acordei. O dia estava cinzento e frio como o anterior, mas ao menos não estava chovendo. O meu sono fora tranqüilo, sem pesadelos nem sonhos. Sentei-me na cama e fiquei olhando para a janela, divagando sobre o assassinato de Isadora Santos. Não conseguia formular um motivo razoável para a morte daquela senhora, desde que comprovara que nada fora roubado. Com a hipótese de assalto descartada, restavam-me duas outras: talvez o crime ocorrera devido a algo relacionado ao passado dela ou, a mais palpável em minha opinião, o assassino era uma pessoa mentalmente perturbada.

Levantei-me, fiz minha higiene pessoal e fui para cozinha. Esta, como sempre, encontrava-se em estado de total desordem: talheres por lavar acumulando-se na pia, pacotes abertos de biscoitos e pães espalhados pela mesa, migalhas cobrindo o chão.

– Eu definitivamente preciso de uma faxineira. – comentei. – Ninguém consegue viver desse jeito.

Preparei o café da melhor maneira possível e recomecei a ler a revista que havia largado sobre a mesa há alguns dias. Li duas páginas dividindo minha atenção entre o texto e as lembranças do dia anterior. A estranha sensação de *déjà-vu* voltara a minha mente. Onde eu havia visto aquela tatuagem antes? Havia eu *realmente* visto ou era apenas uma sensação? E por que a vítima me parecera tão familiar?